O DISCURSO E A PRATICA DE FORMAÇÃO HUMANISTICA NA UNIVERSIDADE[1]

Juliana Maria Nunes Tiellet[2], *Enio Waldir da Silva*[3]. *UNIJUÍ*

INTRODUÇÃO: Esta pesquisa tinha a pretensão de analisar o discurso e a prática do ensino na Universidade hoje, enfocando o papel que assume Formação Humanística, bem como as controvérsias que a circundam. Os fundamentos humanísticos do ensino praticado na universidade foram buscados ao se reconstituir algumas leituras feitas por autores das áreas de ciências humanas, ao mesmo tempo procurou-se destacar um caso específico em que esta concepção foi discurso constante: na Unijuí. Os autores das ciências humanas nos mostram que, nos últimos tempos a trajetória das universidades está marcada pelo tecnicismo, pelo pragmatismo e pelo imediatismo dos aprendizados. A Formação Humanística vem perdendo espaço e força. A perda desta característica não se traduz apenas em perda para os acadêmicos, que não terão a oportunidade de descobrirem que o ensino não deve ser meramente técnico, puramente mecânico e que bons profissionais não se fazem apenas da pratica, pois o conhecimento amplo do mundo advém de reflexões profundas que se pode fazer. Não se pode perder de vista a idéia de comunidade acadêmica, embora pareça que tudo está parcelado, dividido e nem mesmo aparecem os discursos de unidade. A Formação Humanística na Unijuí (antes denominada Ciclo Básico) sempre foi foco de debates e discussões. Uma das características diferenciadas da Universidade foi a presença significativa de componentes destas áreas no currículo de todos os cursos, assim como era forte o discurso de formação humanística nos discursos que traduziam a filosofia de ensino adotada por esta instituição. A pergunta é: considerando as argumentações de pesquisadores sobre a necessária formação humanística de todo o profissional e após um longo período de experiências de estruturas que garantiam a permanência desta compreensão, que dimensões acadêmicas, científicas e institucionais a Formação Humanística assume hoje na Unijuí?MATERIAIS E MÉTODOS: Revisão bibliográfica de autores das ciências sociais e humanas; análise de documentos escritos que circulavam na universidade e análise de discursos dos atores alunos, professores. RESULTADOS: A presença da formação humanística na Unijui nas últimas décadas não foi aceita de modo pacífico. Uma série de circunstâncias provocou desvios de objetividade dos debates acadêmicos, próprios das relações de poder. A leitura das Ciências Humanas, e das áreas que compunham o Ciclo Básico, era de que todas as grandes Universidades do mundo estavam passando por um processo de autocrítica e admitiam o erro e o mal que insidiosamente se insinuou durante o seu próprio processo de construção e desenvolvimento. O erro fundamental cujas conseqüências lamentam estar relacionado com a falta de um processo interdisciplinar. As respostas das áreas técnicas vinham de pesquisas de opiniões dos alunos sobre as aulas que evidentemente estavam na linha oposta dos interesses que trazia os alunos do ensino médio ou então da análise que alguns coordenadores de curso faziam da pratica de algum professor do Ciclo Básico em particular. Não era análise de méritos, mas de condução efetiva das aulas, pois se os alunos avaliavam negativamente o Ciclo Básico muito pior ainda era os apontamentos que faziam da parte chamada de Formação

Profissional. Os conflitos nunca cessaram e chegaram às salas de aulas, nos diretórios acadêmicos e nas múltiplas instancias decisórias da Unijuí: Colegiados de cursos específicos, Colegiado das Coordenações de Curso, Colegiados dos Departamentos, Câmaras do Conselho Universitário e no Conselho Universitário, que em última instância legisla sobre esta matéria. Muitos seminários de avaliação foram realizados e aos poucos as circunstâncias conjunturais foram ficando favoráveis às áreas técnicas: o aumento da quantidade de alunos, o peso maior das áreas técnicas na sustentabilidade financeira da universidade, controle numérico dos participantes das áreas nos colegiados de decisão. Não havia argumentos científicos acadêmicos contra o Ciclo Básico, havia apenas uma série de reclamações e intrigas por posições nas relações de poder que teria maior evidencia de peso a quem deveriam ministrar aquelas aulas. Intrigas, de certa forma, pessoais que arrastou uma proposta acadêmica. Talvez fosse esta posição que mais intrigava as áreas técnicas, pois parecia que o Ciclo Básico exercia um papel de avaliador, fiscalizador e provocador das posições históricas inerentes às propostas de cursos e as atividades do atores na universidade. As Ciências Humanas atiravam contra um inimigo e as áreas técnicas diziam que este inimigo não eram eles e assim, os discursos pareciam não criarem nenhum efeito na disposição de ouvir, responder e criar decisões que agregassem ambos os interesses. Evidentemente os discursos das Ciências Humanas preocupavam muita gente que via a universidade um simples lugar de sobrevivência e que não queria compromissos com a coo-gestão e a autogestão dos fundamentos científicos e filosóficos da universidade e temiam se abrirem mostrarem seus interesses implícitos. As ciências Humanas recuaram muito na universidade e a Formação Humanística encolheu ao mínimo possível. Em meados desta década grandes modificações neste espírito discursivo são perceptíveis. Há uma apatia generalizada, poucos debates e muitas expressões de crise. CONCLUSÕES: As respostas as nossas indagações iniciais significam que a Unijui inseriu-se na lógica das organizações administradas, como diz Chauí e deixou de ser uma instituição que possuía um diferencial, uma identidade que a expressava pela formação humanística que proporcionava a seus alunos. No entanto, a interdisciplinaridade continua sendo um postulado importante para que a universidade recupere sua alma. Para isso precisa de trabalho coletivo para que os postulados não sejam de um ator só. Os muitos pontos de vista garantem tratamentos diversos para realidades diversas. A interdisciplinaridade na universidade é construir saberes que proporcionem aos alunos a arte de argumentar, não como um sonho alhures, onde o aluno possa estar no futuro, mas agora, aqui, na universidade enquanto se forma. É uma exigência que parece se impor por si mesma quando se verifica a dispersão e a fragmentação das ciências. Se para todo o profissional é decisivo saber em profundidade sobre sua matéria ainda mais fundamental é saber desconstruir e reconstruir os conteúdos pelo aprender a aprender. Mas se vivemos uma época de perplexidade e incertezas em todas as profissões como podemos engessar os alunos em currículos fechados ou fortalecer a cultura que só valoriza o diploma? A universidade precisa fazer muito mais do que agradar para ser eleita pelos que gostam de facilidades momentâneas. Entre os atores não há quem seja contra a Formação Humanística. Há os que não a entendem, os que não a percebem e os que a vêem com uma carga de utopia dada as reais condições que ela se encontra na universidade. Além desses, há os equivocados que acreditam estar fazendo muito humanismo com aquilo que estão fazendo. São raros os atores que apostam numa volta da Unijui a ter uma proposta

acadêmica centrada em uma formação humanística, na interdisciplinaridade. No entanto, este parece ser o seu melhor vulto histórico diante da racionalidade instrumental que circunda o contexto da universidade. Como a universidade é uma construção constante, e nós estamos aqui com nossa razão, nossas linguagens, nossa ação, é possível nos entender para termos a universidade, de fato, fruto do interesse mais universal que nos move. Apoio: CNPQ

[1] Pesquisa de Iniciação Científica
[2] Bolsista PIBIC/CNPq
[3] Professor Oreintador